

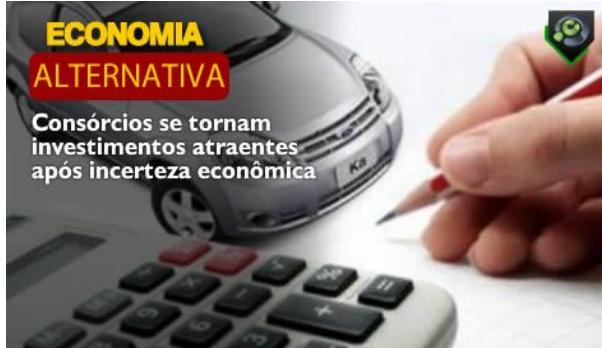


Consórcios se tornam investimentos atraentes após incerteza econômica

Cenário MT - Cuiabá/MT - NOTÍCIAS - 24/03/2015 - 09:30:17

Autor não encontrado

As incertezas na economia devem tornar os **consórcios** um investimento mais atraente por conta do baixo custo e o não pagamento de juros.



O carro faz falta para um microempresário que produz e entrega doces e salgados na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Para comprar um modelo usado, ele acaba de adquirir uma cota do **consórcio** dos Correios.

"Eu fiz em 84 meses, o valor da carta de crédito são R\$ 17 mil e o valor da prestação é R\$ 263 e uns quebradinhos", conta o microempresário Maqcheilon de Oliveira.

Os Correios agora também oferecem cartas de crédito para a compra de imóveis, eletrodomésticos e serviços, como viagens e cirurgias plásticas. Por enquanto, a modalidade só está disponível em 33 agências em cinco estados. Mas, a partir de agosto, a oferta deve ser ampliada.

"Nós temos 7,6 mil pontos de atendimento em mais de 1,6 mil localidades. Nós somos o único posto de atendimento bancário. Então, a gente quer levar realmente novos serviços e produtos pra essa população que está desatendida nesse momento", diz Ademir Baldim, coordenador regional de negócios dos Correios de Minas Gerais.

O **consórcio** é um negócio para quem não tem pressa. Se a pessoa não for contemplada nos sorteios mensais ou não tiver dinheiro para dar um bom lance vai ter que esperar quase sete anos para receber a carta de crédito.

Oitenta meses é o prazo da maioria dos **consórcios** de veículos. No caso de imóveis, o parcelamento é bem maior, em média, 13 anos. Difícil é se comprometer por tanto tempo diante da incerteza da economia no país.

Segundo a Associação Brasileira de Administradores de **Consórcios**, as vendas de cotas em janeiro e fevereiro deste ano caíram 6,2% em relação ao mesmo período do ano passado.

"Nós temos aí quatro anos seguidos de inflação alta e baixo crescimento, e também um período maior que as famílias acumularam um nível de endividamento bastante alto. Então, a redução acaba sendo reflexo desse cenário adverso", afirma Eduardo Coutinho, economista do IBMEC.

<http://www.miti.com.br/ce2/?a=noticia&nv=paR2IQWwuGe8uferpPEqXg>